

VIRGÍNIA TECH: ANATOMIA DE UM MASSACRE À LUZ DA ÉTICA DA VIRTUDE

Ramiro Marques

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém
Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira
ramiro.marques@ese.ipsantarem.pt
<http://www.eses.pt/usr/ramiro/index.htm>

Resumo

Este artigo visa compreender os motivos da ocorrência do massacre na Virgínia Tech e fá-lo à luz da teoria ética da virtude. A tese defendida no artigo é que as sociedades materialmente desenvolvidas estão a perder a sua matriz identitária e os laços e valores comunitários estão a ser substituídos por um cultura que valoriza o sucesso material, não dando espaço para o florescimento pessoal dos que ficam à margem do progresso material. Defende-se, neste artigo, um regresso a uma educação do carácter de tipo comunitarista e que, inspirada na ética aristotélica, avalie a pessoa por aquilo que ela é e não por aquilo que ela tem.

Palavras-chave: Ética da virtude; Virtude; valores comunitários.

Abstract

This article has a main goal: to understand the motivation of the Virginia Tech massacre. The virtues ethics is used as the main theoretical framework to understand those motives. The article opposes the individualistic ethic approach to a communitarian approach inspired in Aristotelic ethical thought. The article stands for a return to a more realistic and communitarian ethic approach based on an evaluation of what the person is and not on an evaluation of what the person has.

Key Words: Ethics of virtue; Virtue; Communitarian values.



1.

O massacre ocorrido, no dia 16 de Abril de 2007, na Universidade Técnica da Virgínia (EUA), constitui um sintoma que evidencia o mal-estar das sociedades ocidentais materialmente desenvolvidas. Um jovem de 23 anos de origem asiática conseguiu transportar para dentro de um dormitório da Universidade armas e munições e com elas tirou a vida a 32 estudantes. Importa, desde logo, perguntar: como é que foi possível que um jovem tivesse acesso a armas tão mortíferas? Como é que conseguiu circular pelo Campus da Universidade, durante duas horas, com duas armas e centenas de munições, após ter cometido um primeiro duplo homicídio? Quais foram os motivos? Onde foi Cho Seung-Hui encontrar a disposição?

Foi o maior massacre ocorrido, nos EUA, numa Universidade. Nos últimos dez anos, ocorreram vários massacres semelhantes em escolas norte-americanas executados por estudantes aparentemente normais, da classe média, e sem registo de distúrbios psiquiátricos profundos. A que se deve um fenómeno tão terrível e bizarro? Temos de ser humildes na análise e reconhecer que não se conhecem as verdadeiras causas do fenómeno. É possível, no entanto, ensaiar algumas explicações. É o que tenciono fazer com este artigo, recorrendo à ética aristotélica para encontrar uma explicação. Massacres desta natureza não costumam ocorrer em sociedades que mantêm uma forte orientação comunitária. Ocorrem, no entanto, com alguma frequência, em sociedades marcadas por um crescente individualismo, pela competição desenfreada, pela erosão das tradições culturais, pela emergência do multiculturalismo étnico e pela generalização da iliteracia moral. Se essas circunstâncias constituem o pano de fundo e o guião da narrativa, há outras circunstâncias que parecem ter um efeito desencadeador do fenómeno. São elas a presença continuada de conteúdos violentos e cruéis na vida das crianças e dos jovens, quer emitidos pelos canais de televisão, quer pela exposição prolongada a jogos de vídeo (para computador e para consolas) e a imagens fixas e animadas veiculadas pela *Internet* (veja-se a este propósito o êxito estrondoso do *You Tube* entre as crianças e os jovens).

A exposição prolongada a imagens de extrema violência e crueldade, agravada pelo cada vez maior realismo das imagens, desenvolve nas crianças e nos jovens a insensibilidade face à violência e tende a provocar mecanismos de imitação que, sob o efeito de um factor precipitante, pode conduzir alguns jovens à preparação e à realização de actos semelhantes ao ocorrido na Universidade Técnica da Virgínia.



Há remédio para evitar o alastramento de fenómenos deste tipo? Há, mas duvido que a opinião pública, os políticos e os eleitores em geral, queiram pagar o preço desses remédios. O principal remédio consiste na criação de mecanismos de controlo dos conteúdos televisivos e de jogos para computador e para consola por uma entidade reguladora independente do Governo. Uma entidade desse tipo teria que ser dirigida por um alto magistrado, sob pena de não se lhe reconhecer a necessária independência. Significa um regresso à censura? Não defendo o uso da censura. Uma tal solução é impraticável e viola o direito à informação e ao pluralismo informativo. A entidade reguladora da comunicação social, com esse ou com outro nome, procederia a uma análise à posteriori dos conteúdos emitidos, levantando um auto de averiguações, sempre que um determinado conteúdo evidencie a promoção do consumo de drogas, violência gratuita e crueldade, a que se poderia seguir o arquivamento do processo ou uma pena pecuniária forte. Ficariam de fora da alçada dessa entidade os conteúdos informativos para evitar a tentação da censura e do controlo político da informação. Para que as penas pecuniárias tivessem um efeito dissuasor, teriam de ser proporcionais às receitas anuais do respectivo canal emissor. Por exemplo, para casos muito graves, a pena pecuniária poderia atingir os 10% da receita anual. Talvez seja este o preço que temos de pagar se quisermos educar os nossos filhos em ambientes saudáveis. Caso contrário, massacres como o da Universidade Técnica da Virgínia, tornar-se-ão tão vulgares e tão aceitáveis como os milhares de mortos ocorridos nas estradas pelo efeito da imprudência na condução.

2.

Regressemos à análise do massacre de 32 estudantes na Universidade Técnica da Virgínia executado por um estudante da Coreia do Sul a residir nos EUA. As notícias veiculadas sobre o massacre e sobre a identidade do homicida permitem tecer mais algumas considerações tendo em vista compreender um pouco melhor o fenómeno. Cho Seung- Hui, o autor do massacre, era um estudante finalista de Língua Inglesa, vivia nos EUA desde 1992, frequentara uma boa escola secundária nos EUA, era tido como um rapaz solitário e de poucas falas e os pais habitavam uma moradia de dois pisos numa zona sossegada da cidade de Centreville, na Virgínia.

Esta tragédia foi possível e pode repetir-se porque estavam reunidas três condições: oportunidade, motivo e disposição. A oportunidade surgiu porque, no Estado da Virgínia, é quase tão fácil comprar uma arma como comprar uma



motorizada. Para se ter uma ideia do fenómeno, basta referir que existem, nos EUA, mais de 200 milhões de armas registadas em nome de civis. O motivo próximo terá sido a raiva incontida pelo facto de os colegas de estudos ridicularizarem o seu aspecto e o seu comportamento. Essa raiva ter-se-á acentuado pelo tipo de vida solitária que Cho Seung – Hui levava. Sem amigos, sem uma comunidade de afectos, torna-se extremamente difícil adquirir as virtudes morais. O carácter excessivamente competitivo e individualista de grande parte das comunidades norte-americanas terá concorrido para exacerbar o motivo. Sem a aquisição das virtudes da prudência, da temperança e da compaixão, impossíveis de adquirir na ausência dos amigos e sem a pertença a uma comunidade de afectos, o homicida não dispunha dos recursos intelectuais e das competências éticas capazes de exercerem um controlo adequado sobre os apetites, as emoções e as paixões. Se Cho Seung – Hui tivesse tido oportunidade de cultivar as virtudes da temperança, da prudência, da compaixão e da amizade muito provavelmente não teria motivo para fazer o que fez. A disposição também estava presente, na medida em que a ausência das virtudes morais fora preenchida pelos vícios correspondentes, intemperança, malícia, ódio e imprudência, criando a moldura mental capaz de aceitar a preparação e a execução do massacre.

Tanto a oportunidade, como o motivo e a disposição poderiam ter sido travados ou evitados. Bastaria que 1) não fosse tão fácil comprar armas; 2) a amizade e os laços comunitários estivessem mais presentes na vida de Cho e; 3) as virtudes do carácter fossem uma presença regular no percurso educativo de Cho e na sociedade onde ele se movimentava.

3.

Nos dias seguintes à tragédia, e na sequência da publicação de excertos do Manifesto que Cho enviara para a NBC, no próprio dia do massacre, os companheiros de residência e de turma referiram-se a Cho Seung-Hui como um rapaz solitário, deprimido, calado e incapaz de fazer amizades. A professora de “escrita criativa” denunciou o recurso sistemático a temáticas violentas e cruéis nos textos produzidos pelo jovem da Coreia do Sul. No entanto, soube-se mais tarde que essa professora fazia uso, nas suas aulas, de textos de conteúdo político extremista que propunham soluções violentas para combater os males da sociedade. Os responsáveis pela investigação afirmaram que o homicida deixou notas explicativas onde dizia que “o obrigaram a fazer aquilo” e onde criticava os “meninos ricos”, a religião e as mulheres.



Apesar de fortes indícios de depressão, tristeza e solidão, ninguém se dispôs a dedicar algum tempo e energia ao caso. Cho ficou entregue a si próprio e aos seus demónios. Terá ainda sido conduzido a uma consulta de aconselhamento psicológico, mas essa consulta não passou de um mero episódio sem consequências. Não houve, portanto, *follow-up*. Numa sociedade com fortes laços comunitários, o massacre de Virgínia Tech poderia ter sido evitado. Os indícios de perturbação, solidão, depressão e raiva teriam sido notados e atendidos. Não faltaria a Cho o contacto e o envolvimento com pessoas, amigos, companheiros, professores e autoridades académicas, que se prestariam a ajudá-lo a enfrentar os demónios e a encontrar uma “cura” para a raiva e o ódio que cresceram na sua alma à medida que a solidão aumentava. Numa sociedade fortemente individualista e competitiva, onde o sucesso material das pessoas é o principal motivo de apreço e consideração social, e onde as pessoas são avaliadas por aquilo que têm e pelo que parecem, simplesmente não há tempo, disposição nem tradição para prestar cuidados a quem se isola, a quem fica para trás, a quem fica pelo caminho. Em sociedades desse tipo, não há lugar para perdedores. Nas sociedades comunitaristas, as pessoas são avaliadas por aquilo que são e não por aquilo que têm. O caso mais perfeito de uma sociedade comunitarista foi Atenas do século V e IV a.C. Com o advento do Cristianismo, as pessoas começaram a ser avaliadas por aquilo que eram e por aquilo que faziam. Mais recentemente, nas sociedades materialmente desenvolvidas do Ocidente, as pessoas passaram a ser avaliadas por aquilo que têm. Quem não tem, é um perdedor. Um falhado. Cho estava a caminho de ser considerado um perdedor. Era um *tipo* a quem ninguém se queria ligar. Sem amigos, sem uma comunidade de afectos, Cho ficou entregue aos seus demónios. Terá substituído a falta de amigos pela exposição continuada a filmes, vídeos e jogos violentos. Na comunidade onde se movimentava, já era visto como um perdedor. Era vítima frequente das graçolas e chacota dos colegas que teciam comentários sobre a sua estranha forma de vestir (considerada antiquada pelos colegas) e de falar, e sobre o seu aspecto físico. Sem amigos, sem acesso a uma educação que lhe proporcionasse a aquisição das virtudes da temperança, da prudência, da justiça, da coragem e da compaixão, o jovem homicida só precisava de um motivo que fosse o factor desencadeador da tragédia. Esse factor surgiu quando se sentiu repudiado, abandonado e isolado, numa comunidade onde imperava um ethos de competição e aquisição. Ter-se-ia sentido isolado pelos “meninos ricos” que faziam chacota da sua maneira de falar e o ridicularizavam em público? A oportunidade apareceu porque, na Virgínia, é fácil comprar armas. A



disposição estava presente porque as virtudes morais estavam ausentes do carácter de Cho. Há muitos Cho Seung-Hui por aí. As sociedades materialmente desenvolvidas, que perderam o sentido da comunidade, são boas a fabricar jovens como o Cho. Eles estão apenas à espera de oportunidade e motivo. Disposição já têm.

4.

A maneira mais fácil e errada de procurar uma explicação para o massacre de Virgínia Tech é atribuí-lo a um psicopata tresloucado. Tanto Cho Seung-Hui, o estudante da Coreia do Sul que assassinou 32 estudantes na Universidade Técnica de Virgínia, como Eric e Dylan, os autores do massacre da escola Columbine, eram jovens perturbados, cheios de ódio e ressentimento, jovens maus; mas não eram vulgares psicopatas. Prepararam o massacre com tempo e cuidado e espalharam a morte com um propósito bem definido: mostrar o quanto odiavam a sociedade onde cresceram e a escola onde estudaram. Num caso e noutro, houve um propósito político. Errado, mas político.

Cho Seung-Hui escreveu e preparou o seu manifesto com semanas de antecedência e teve o cuidado de o enviar, pelo correio, para a NBC, entre a primeira e a segunda matança. O teor do manifesto é elucidativo. Nele, o jovem homicida dá conta daquilo que considera serem as humilhações por que passou durante o seu percurso escolar. Antigos colegas de Cho afirmaram que o jovem da Coreia do Sul fora alvo habitual da chacota e do escárnio dos colegas de turma que viam nele um perdedor e uma figura caricata.

À semelhança de Eric e Dylan (a quem chama de mártires no seu Manifesto e cujo massacre lhe serviu de inspiração), o homicida da Coreia do Sul era um homem isolado, marginalizado, ressentido e revoltado. Isolado, sem amigos, alvo do escárnio e da chacota, incapaz de comunicar com os outros, Cho atribuía a culpa da sua depressão, tristeza e isolamento a uma sociedade marcada pela hipocrisia, engano, adulação do luxo e da ostentação, no fundo, uma sociedade onde lhe era atribuído um lugar de perdedor. Cho não suportava que o vissem como um “Zé-Ninguém”. Ele queria provar que não era um perdedor anónimo e insignificante. A maneira mais fácil que Cho encontrou para sair do anonimato, para deixar uma marca (ainda que uma marca de sangue, desespero e morte), foi através de um acto de uma brutalidade imensa, um acto capaz de o atirar para as primeiras páginas de todos os noticiários e para as primeiras posições no *Google* e no *Yahoo*. Com esse acto brutal, Cho saiu do



anonimato, deixou de ser um “Zé-Ninguém” e passou a ser uma referência na galeria mórbida e doentia dos assassinos em massa. O rapaz que outrora fora conhecido por não ser capaz de comunicar com os outros, afinal revelara-se um grande comunicador. O Manifesto multimédia que cuidadosamente preparou e enviou para a NBC é bem a prova disso.

Haverá forma de evitar estas tragédias? Talvez um pouco de mais amizade, de mais compaixão, de mais atenção e cuidado, e de mais justiça possam evitar a ocorrência destes dramas. Seja como for, os massacres de Columbine e de Virgínia Tech mostram que algo vai mal nas sociedades materialmente desenvolvidas. O êxito económico e o sucesso científico e tecnológico que essas sociedades potenciaram não foi acompanhado pela aquisição e generalização das virtudes do carácter, sem as quais, como bem refere Aristóteles na *Ética a Nicómaco*, é impossível a felicidade e a vida boa. Importa, por isso, tentar saber as razões ocultas e o Manifesto de Cho pode dar-nos importantes pistas.

5.

Os massacres de Columbine e de Virgínia Tech não podem ser explicados com o recurso à tese do psicopata tresloucado. O autor do massacre de Virgínia Tech, Cho Seung-Hui, era um jovem perturbado, cheio de raiva e de ódio à sociedade e à escola, mas temos de compreender as razões que produziram essa raiva e esse ódio. A família de Cho mudou-se da Coreia do Sul para os EUA, em 1992. O pai de Cho era dono de uma pequena livraria, na Coreia do Sul, que acabou por falir. Para sair da pobreza, a família de Cho teve de mudar-se para os EUA. Nos EUA, a família de Cho instalou-se em Centreville, uma pequena cidade situada nos arredores de Washington DC, na Virgínia. Viviam numa moradia de dois pisos, comprada, em 1997, por 145 000 dólares. Os Cho chegaram aos EUA, em 1992, sem um tostão no bolso e passados 5 anos conseguiram comprar uma moradia de dois pisos numa zona sossegada e boa da cidade de Centreville. Tinham dois filhos. Eram tidos como pessoas extremamente trabalhadoras: o pai de Cho trabalhava numa empresa de limpeza a seco, 6 dias por semana, por vezes mais do que um turno e não era conhecido das associações de apoio à comunidade imigrante da Coreia do Sul na área de Washington DC. Segundo testemunhos de dirigentes comunitários locais, os Cho eram pessoas isoladas que se limitavam a trabalhar e que não se envolviam na comunidade. A infância e a adolescência de Cho ficaram marcadas pela separação brusca das suas raízes



culturais e pelo isolamento e alienação impostos pela sociedade onde viveu a partir de 1992. A irmã de Cho Seung-Hui licenciou-se na Princeton University com elevadas classificações. O próprio Cho Seung-Hui fora sempre um bom estudante, embora calado, metido consigo próprio e sem amigos. Há referências à exposição prolongada de Cho a jogos de vídeo e filmes de extrema violência. No manifesto que fez chegar à NBC, Cho junta fotos que parecem simular cenas do filme extremamente violento, produzido na Coreia do Sul, em 2003, *Oldboy*. É muito provável que a história atribulada e recheada de violência e crueldade do protagonista do filme tenha deixado marcas na mente de Cho. As cenas de vídeo, filmadas por Cho semanas antes do massacre, têm profundas semelhanças iconográficas com as centenas de vídeos de bombistas suicidas islâmicos que passam, diariamente, nas televisões e enchem milhões de páginas na Internet. Não pode haver dúvidas que a exposição prolongada a esses vídeos, quer no *You Tube*, quer nas televisões, deixaram marcas profundas na mente de Cho e um desejo incontrollado de fazer o mesmo. No Manifesto, Cho faz referência à Guerra da Coreia, aos massacres perpetrados por Kim Il Sung, na Coreia do Norte, ao 11 de Setembro e a Osama Bin Laden, compara-se a Jesus Cristo, homenageia os “mártires” Eric e Dylon (autores do massacre de Columbine) e vocifera contra o hedonismo desenfreado dos “meninos ricos”, acusando-os de escarnecerem dele e de lhe violarem a mente e aniquilarem a consciência e o carácter.

Estamos perante um quadro de grande sofrimento. Uma dor persistente. Uma dor que terá começado com a saída da Coreia do Sul e a chegada a um país estranho, em 1992. Uma dor que se foi agravando com o isolamento da família de Cho, com a ausência de tradições comunitárias e a falta de amizade e de convivência social. Uma dor que se tornou insuportável pelas críticas dos “meninos ricos” de Virgínia Tech ao seu aspecto físico, ao seu vestuário antiquado e ao seu silêncio.

O Manifesto de Cho¹ dá-nos pistas para compreendermos o que está mal nas sociedades materialmente desenvolvidas. É um documento que importa estudar para

¹ Ver em <http://freedomspace.blogspot.com/2005/04/how-many-did-stalin-really-murder.html>

Ver em <http://www.answers.com/topic/how-many-people-died-in-the-vietnam-war>

Ver em <http://www.msnbc.msn.com/id/18186080/>

Ver em <http://www.msnbc.msn.com/id/18186053/>

Ver em <http://www.msnbc.msn.com/id/18186064/>

Ver em <http://www.msnbc.msn.com/id/18186072/>

Ver em <http://www.msnbc.msn.com/id/18186085/>



podermos compreender este fenómeno e podermos evitar a ocorrência de mais massacres.

Há, contudo, alguns dados que importa evidenciar e que podem ajudar a compreender as causas da ocorrência destes fenómenos. O século XX foi o período mais violento e cruel da História da Humanidade e o século XXI está a seguir pelo mesmo diapasão. Vejamos alguns números: 1ª Guerra Mundial: 15 milhões de mortos; 2ª Guerra Mundial: 60 milhões de mortos; Guerra do Vietnam: 5 milhões de mortos (só no Vietnam!); Mortos provocados pelo regime estalinista: 20 milhões; Guerra Civil no Camboja: 3 milhões de mortos; Guerra Civil em Angola: 500 mil mortos; Guerra Iraque-Irão: 1 milhão de mortos, etc. etc. É provável que as mortes ocorridas nos últimos 107 anos por consequência das guerras e da repressão política tenham sido superiores a todas as mortes ocorridas por efeito de guerras nos 20 séculos anteriores. São números esmagadores! Se juntarmos a esses números o facto de uma boa parte destas guerras terem sido “guerras em directo”, transmitidas até à exaustão pelas televisões e reproduzidas em milhares de jogos para consolas e para computadores, poderemos imaginar os efeitos devastadores que estes fenómenos têm tido na deformação da mente de sucessivas gerações de crianças e adolescentes.

Bibliografia

- Adams, R. (2002). *A theory of virtue: excellence in being for the good*. Oxford: Oxford University Press.
- Adkins, A.W.H. (1972) *Moral values and political behaviour in ancient Greece from Homer to the end of the fifth century*. London: Chatto and Windus.
- Anscombe, G.E. M. (1958). Modern moral philosophy, *Philosophy*, 33.
- Aristóteles (1985). *Nicomachean ethics*. Introdução, tradução e notas de Terence Irwin. Indianapolis: Hackett.
- Baier, A. (1985). *Postures of the mind*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Cottingham, J. (1996). Partiality and the virtues. In R. Crisp & M. Slote, *How should one live?* Oxford: Clarendon Press.
- Cottingham, J. (1994). Religion, virtue and ethical culture. *Philosophy*, 69.
- Crisp, R. & Slote, M. (2006). *Virtue ethics*. Oxford: Oxford University Press.
- Cullity, G. (1995a). Aretaic cognitivism. *American Philosophical Quarterly*, vol. 32, no. 4.
- Cullity, G. (1995 b) Moral character and the iteration problem. *Utilitas*, vol. 7, no. 2.



- Dent, N.J.H. (1981). The value of courage. *Philosophy*, vol. 56.
- Dent, N.J.H. (1975). Virtues and actions. *The Philosophical Quarterly*, vol. 25.
- Dent, N.J.H. (1984). *The psychology of the virtues*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Driver, J. (1995). Monkeying with motives: agent-based virtue ethics. *Utilitas*, vol. 7, no. 2.
- Foot, P. (2001). *Natural goodness*. Oxford: Clarendon Press.
- Foot, P. (1978). *Virtues and vices*. Oxford: Blackwell.
- Foot, P. (1996). Virtues and vices. In R. Crisp & M. Slote, *Virtue Ethics*. Oxford: Oxford University Press.
- Hursthouse, R. (1991). Virtue theory and abortion. *Philosophy and public affairs*, 20.
- Hursthouse, R. (1999). *On virtue ethics*. Oxford: Oxford University Press.
- MacIntyre, A. (1985). *After virtue*. London: Duckworth.
- Marques, R. (2000). *Valores éticos e cidadania na escola*. Lisboa: Ed. Presença.
- Marques, R. (2002). *O livro das virtudes de sempre*. Porto: Ed. Asa.
- McDowell, J. (1996). Incontinence and practical wisdom in Aristotle. In S. Lovibond & S.G. Williams, *Essays for David Wiggins*, Aristotelian Society Series, Vol.16. Oxford: Blackwell.
- McDowell, J. (1979). Virtue and reason", *The Monist*, 62.
- Roberts, R.C. (1991). Virtues and rules. *Philosophy and Phenomenological Research*, vol. LI, no. 2.
- Scanlon, T.M. (1998). *What we owe each other*. Cambridge: Harvard University Press.
- Sherman, N. (1984). *The habituation of character*. In N. Sherman (Ed.), *Aristotle's ethics: critical essays*. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers.
- Slote, M. (1992). *From morality to virtue*. New York: Oxford University Press.
- Slote, M. (2001). *Morals from motives*. Oxford: Oxford University Press.
- Taylor, R. (2002). *Virtue ethics. An introduction*. Nova Iorque: Prometheus Books.
- Swanton, C. (2003). *Virtue ethics*. New York: Oxford University Press.
- Walker, A.D.M. (1989). Virtue and character. *Philosophy*, 64.